

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

BIROUK.

ANECDOTA RUSSA.

(Continuado do n.º 38).

Pozemo-nos a caminhar. Birouk ia adiante, caminhando com bastante pressa. Deus sabe como elle podia acertar com o caminho; mas não parava, e escutava apenas. « Lá está; lá está, murmurava elle de tempos a tempos entre dentes; ouvis? » Eu não ouvia. Descemos um barranco onde o vento penetrava ligeiramente. Então golpes de machado repetidos por intervallos eguaes chegaram distinctamente aos meus ouvidos. Birouk lançou-me um olhar por cima do hombro. Continuamos a caminhar atravez do matto e das ortigas molhadas. Um estallar surdo e continuo fez-se ouvir por muito tempo...

« Deitou-se a terra » murmurou Birouk. Entretanto o céu tornava-se claro; começava-se a vêr alguma cousa no bosque. Sahimos da quebrada que até alli tinhamos seguido.

« Esperai-me aqui » disse-me Birouk ao ouvido. Levantou a espingarda e desapareceu curvando-se debaixo do matto. Puz-me a escutar com attenção febril. Parecia-me ouvir, a uns cincoenta passos, misturado com a bulha continua do vento, um rumor mais fraco; um machado batia com precaução sobre ramos, rodas rangiam surdamente. Um cavallo rinhou... « Pára! » trovejou de repente a voz de Birouk. Um grito queixoso, que semelhava o da lebre apanhada pelos cães, respondeu. Ouvi travar-se uma lucta. « Não, não, repetia Birouk com voz cortada e suffocada; não, não me has-de escapar. » Puz-me a correr com quanta força tinha para o logar do combate; cheguei em fim, com as pernas pizadas e as mãos feridas. Junto de uma arvore cortada Birouk agitava-se no chão. Tinha debaixo de si o ladrão, e prendia-lhe as mãos com o proprio cinto. Quando acabou, pegou-lhe pela gola, levantou-o do chão e pô-lo em pé. Era um pobre diabo do campo, ensopado em agoa, vestido de farropos, com uma barba comprida

e erissada. Um mão cavallinho prezo a um *telega*, e coberto com uma esteira velha, estava immobil, de cabeça baixa, a poucos passos do dono. O guarda não dizia palavra, o camponez sacudia-se de tempos a tempos.

« Deixai-o ir, disse eu a Birouk, pagarei por elle. »

Birouk não me respondeu. Pegou com uma das mãos na redêa do cavallo, com a outra agarrou o ladrão pela cintura. « Vamos, adiante, » lhe disse elle carregando as sobrançellas. « levai tambem o machado » balbuciou o desgraçado prisioneiro mostrando-o com o dedo. « Tens razão, poderia servir para outros, » replicou Birouk, e apanhou-o ligeiramente.

Partimos. A chuva recommçou a cair. Não foi sem difficuldade que nós voltamos para o *isbale* do guarda. Birouk abandonou o cavallo e a carreta no meio do pateo e empurrou o camponez para dentro do *isbale*, onde fez assentar n'um canto, depois de lhe ter alargado um pouco o nó das cordas que lhe prendiam os braços.

« Têl-o-hia fechado no telheiro, me disse elle de repente com mau humor e sem olhar para mim; isto pôde incommodar-vos; mas o ferrolho falta... »

Dei-me pressa em o interromper e assegurar-lhe que o pobre homem me não incommodava nada. O camponez olhou para mim de esguelha.

« Olhai para esta chuva! disse Birouk; será preciso esperar ainda um pouco, Quereis deitar-vos? »

— Não, obrigado. »

Embucei-me no meu capote, encostei-me á parede e puz-me a observar em silencio. Tinha-me dado palavra a mim mesmo que havia de salvar o prisioneiro. Este não se mechia do seu canto. Distingui perfeitamente, á claridade da lanterna, a sua cara magra e enrugada, as suas sobrançellas raras e amarellas, os seus olhos inquietos, a barba vermelha misturada de cabellos brancos, e os membros descarnados. A rapariga, que nos tinha aberto a porta, tinha-se tornado a deitar no chão quasi aos seus pés. Adormeceu em pouco, depois de ter por duas ou tres vezes aberto os olhos espantados. Birouk tinha-se assentado ao pé da meza, com a cabeça encostada ás mãos. Um grilo gritava no lar da chaminé. A chuva batia no telhado e escorregava pelas vidraças.

— Thomaz Kuzmitch, se poz a dizer repentina-